

CLIPPING - ABRALIC 2017

Mídia: O GLOBO - SEGUNDO CADERNO

Tipo: DIGITAL E IMPRESSO

Data: 26/08/2017

Link:

<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/livro-de-joao-cezar-de-castro-rocha-demonstra-influencia-de-shakespeare-na-america-latina-21749511>

Livro de João Cezar de Castro Rocha demonstra influência de Shakespeare na América Latina
Autor fala sobre como a cultura shakesperiana se articula com a situação atual da Uerj



Castro Rocha: presidente da Abralic e autor de “Culturas shakespearianas” - **ANTONIO POR LEONARDO CAZES**

26/08/2017 4:30

RIO — No início deste mês, o Congresso Internacional da Abralic (Associação Brasileira de Literatura Comparada) levou, durante uma semana, 3 mil pessoas para as salas e os corredores de uma Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) em crise. Sob a liderança de João Cezar Castro Rocha, professor da Uerj e presidente da Abralic, o evento foi um marco na defesa da instituição que sofre com a falta de recursos. Castro Rocha, que lança agora o livro “Culturas shakespearianas” (É Realizações), fala, em entrevista ao GLOBO, sobre a importância do congresso para a Uerj e como o seu conceito de “culturas shakespearianas” se articula com a situação da universidade hoje.

O que são essas “culturas shakespearianas”?

Culturas shakespearianas são aquelas que radicalizam um fenômeno que a literatura, desde Homero e antes de Freud, já nos ensinou: nós sempre nos vemos com mais clareza no olhar dos outros. Minha hipótese é radicalizar essa intuição. Culturas shakespearianas seriam aquelas que formam sua autoimagem, sobretudo, a partir do olhar do Outro, geralmente um estrangeiro a quem atribuímos uma autoridade pelo simples fato de ser estrangeiro. Durante todo o século XIX e parte do XX, foi o francês. A partir da Segunda Guerra, cada vez

mais o norte-americano. Em geral, essas culturas são de passado colonial recente e/ou estão no polo inferior de uma relação assimétrica. Há uns tipos absolutamente medíocres que só discutimos porque escrevem em inglês. Jonathan Franzen é um escritor medíocre. Não é mau romancista, mas é medíocre no sentido próprio do termo. Você escuta o sujeito falar, se você não dormir em cinco minutos, você é um herói da resistência. Um tédio, monossilábico, monocórdico, que é mais ou menos como os romances que ele escreve. Se em vez de Jonathan Franzen, ele se chamasse João Francisco, nem Prêmio Jabuti ganhava.

Você diz que Shakespeare foi o primeiro autor latino-americano. Por quê?

Em 1898 houve um acontecimento fundamental para todo o continente: a guerra entre Estados Unidos e Espanha por Cuba, então a última colônia espanhola da América Latina. Muitos intelectuais reagiram de forma violenta e se apropriaram de uma peça de Shakespeare, "A tempestade". Na peça, Próspero é o mágico, Ariel é o espírito e Calibã é o corpo. Tornou-se comum para os intelectuais latino-americanos definir a América Latina como Ariel e os Estados Unidos como Calibã, puro corpo, puro pragmatismo. Durante o século XX, "A tempestade" foi fundamental para pensar a própria cultura latino-americana. O que está em jogo aqui? O primeiro escritor latino-americano da História é William Shakespeare. Se você é um escritor latino-americano no século XIX e decide escrever um romance, a primeira coisa a fazer é conhecer as tradições europeias. A sua voz é definida pela apropriação das dicções alheias.

É possível pensar a atual crise da Uerj a partir desse conceito que você propõe?

A maior parte da crítica cultural brasileira deriva apenas a consequência solar deste caráter shakespeariano, que é a grande capacidade de assimilação de tradições diversas. O exemplo mais bem acabado disso é a antropofagia de Oswald de Andrade. Mas há um lado sombrio, que chamo de "outro Outro". Esse "outro Outro" é o menino do subúrbio que estuda na Uerj, faz mestrado e passa a madrugada numa cabine telefônica para ajudar a família. A Uerj é parte desse "outro Outro". Deste lugar, nós não assimilamos nada. O problema estrutural do Brasil é que a elite, ou a classe que não é tão desfavorecida, não se considera, como diria Shakespeare, "a mesma coisa do que é feito o povo". São de outra matéria, outra natureza. Isso é muito chocante. O lado solar da nossa cultura é a antropofagia oswaldiana. O lado sombrio são as nossas cidades, o fato dos nossos índices de violência serem piores do que o de países em guerra. Não é possível acharmos isso natural. Se eu estiver certo, pois se trata de uma hipótese, essa é uma proposta de quadro teórico para pensar essas culturas em situações de assimetria, cada vez mais graves no mundo contemporâneo, mas também uma forma de pensar a estrutura profunda das sociedades latino-americanas.

Por dois anos, você trouxe o congresso da Abralic para uma Uerj em profunda crise. Qual o balanço que você faz?

O que tentamos trazer para a Abralic faz parte de uma análise da situação contemporânea. A universidade pública no Brasil não é mais um dado garantido. Se, no passado, havia um consenso sobre a centralidade da universidade pública na cultura brasileira, hoje esse consenso não existe mais. Amanhã, se o ministro da Educação propor acabar com as universidades, não será um escândalo, mas uma sequência lógica de todo retrocesso que vivemos. A universidade pública só vai sobreviver no Brasil se fizer o que sempre deveria ter feito. É preciso socializar o seu conhecimento e trazer a sociedade para dentro de si, sem abrir mão do rigor e do conhecimento que nós produzimos. Nós estávamos há quatro meses sem receber. Nossa aposta era deixar claro para todos a distância entre a potência da

universidade pública e os limites estruturais do jogo político brasileiro. Mesmo com todo dinheiro roubado, eles (*os políticos do PMDB*) não seriam capazes de fazer o que fizemos sem receber salário.

Mídia: O QUINZE

Tipo: DIGITAL

Data: 18/08/2017

Link: <http://www.oquinze.com.br/nuvem-iluminada-da-abralic/>



A nuvem iluminada da Abralic

- **18 DE AGOSTO DE 2017**
- **POR CESAR GARCIA LIMA**
- **CULTURA**

Depois de uma semana participando do XV Congresso Internacional da Abralic (Associação Brasileira de Literatura Comparada), na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), no qual apresentei uma comunicação sobre a relação da escrita íntima e a poética de Ana Cristina Cesar, muitas questões permanecem na minha mente tanto sobre literatura quanto sobre o cenário do evento e o espírito do tempo em que vivemos. Há duas semanas estive na FLIP (Feira Literária Internacional de Paraty) e o debate também foi intenso, engajado mas descontraído, em meio à bela paisagem e o casario colonial. No Rio de Janeiro, a tranquilidade é constantemente adiada.

Na Abralic, sob o tema geral “Textualidades contemporâneas”, estivemos todos à frente das trincheiras da crise política e econômica brasileira. O desconforto era evidente: como a UERJ vai resistir à sangria econômica que a paralisa com a falta de repasses do governo estadual? Na verdade, com tantos problemas expostos no último ano e agora com a realização da Abralic, penso que a conturbada manutenção da UERJ ganhou projeção internacional e a

procura por um modelo de gestão mais eficiente deve ser a preocupação de todos, a começar do Estado que consta em seu nome. Durante esta semana, logo após a Abralic, com a reunião de parlamentares na UERJ, surgiu a proposta de uma PEC que pode garantir a autonomia da universidade, mas ainda há um longo caminho para que isso seja viabilizado.

A questão da relação entre a literatura e a crítica não tem nada de novo e foi pano de fundo de tantos outros pontos que surgiram durante o simpósio do qual fiz parte, “Poesia Contemporânea: Crítica e Transdisciplinaridade”, coordenado pelos professores Leonardo Davino (UERJ) e Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS). Um dos pontos de debate foi questionar se a poesia é (ou continua a ser) uma forma de resistência, o que nos levou a refletir sobre o silêncio das manifestações de rua depois de junho de 2013. Depois do encontro, pensei que a questão tem mais a ver como a poesia pode ser uma forma de resistência do que com se. Tenho me perguntado se uma poesia impregnada pela revolta do momento, com o risco de se tornar panfletária, não coloca em risco o próprio fazer poético, aproximando-o da política, do jornalismo, da propaganda. Sim e não – respondo -, lembrando que é preciso (re) ler com urgência os poemas de Bertolt Brecht, cujos poemas permanecem vigorosos em sua força contestatória.

Alguns dias depois do evento, resta a convicção de que o encontro, por si só, foi uma forma de resistência poética ao nosso tempo de tantos gritos e também de silenciosas convivências. Ao promover os costumeiros simpósios – que evidenciam pesquisas acadêmicas em andamento e reúnem interesses afins – a Abralic caminha para ir além da agenda compulsória do Currículo Lattes. Nessa edição, proporcionou um encontro original e alentador, com mesas plenárias com pesquisadores convidados de diferentes partes do mundo, debates com escritores, vendas de livros, prêmios, música, cinema, teatro, entre muitas outras oportunidades de discussão sobre literatura não apenas sob seu aspecto crítico, mas também como expressão artística. Uma legião de voluntários – capitaneada pelo professor João Cezar de Castro Rocha (UERJ), presidente da Abralic, e sua equipe – fez do evento uma oportunidade rara de compartilhamento cultural. Fico com uma última imagem, usada pelo professor Silviano Santiago – também homenageado – em seu texto que analisava o conto “As margens da alegria”, de João Guimarães Rosa. Não entro no mérito do texto de Santiago – sempre contundente, dessa feita referenciado pelo filósofo e crítico de arte Georges Didi-Huberman e pelo cineasta e escritor Pier Paolo Pasolini -, mas só pego de empréstimo a nuvem de vaga-lumes que ele, por sua vez, resgatou de Guimarães Rosa. Em resumo: que a ABRALIC possa ser uma nuvem iluminada para ancorar anualmente uma parceria entre a discussão acadêmica e a literatura.

**Crédito da foto: Divulgação Abralic
João Cezar de Castro Rocha (ao fundo) e voluntários da Abralic*

Sobre o autor

CESAR GARCIA LIMA Cesar Garcia Lima é doutor em Literatura Comparada (UERJ), mestre em Literatura Brasileira (UFRJ), poeta e jornalista (Cásper Líbero). Autor dos livros de poemas *Águas desnecessárias* e *Este livro não é um objeto*, dirigiu os documentários *Soldados da borracha* e *Onde minh’alma quer estar*. Atualmente, desenvolve pesquisa sobre crítica na Literatura Brasileira Contemporânea (UFF), com bolsa de pós-doutorado da FAPERJ. Nascido no Acre, vive no Rio de Janeiro

Mídia: PUBLISHNEWS

Tipo: DIGITAL

Data: 17/08/2017

Link:

<http://www.publishnews.com.br/materias/2017/08/17/abralic-a-universidade-em-perigo-e-a-literatura-brasileira>

Abralic, a universidade em perigo e a literatura brasileira

PUBLISHNEWS, FELIPE LINDOSO, 17/08/2017

Felipe Lindoso esteve na Reunião da Abralic para falar sobre a expansão internacional da literatura brasileira. Na volta, conta o que viu e como foi.

Semana passada, estive no Rio de Janeiro participando da XV Reunião da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), que aconteceu no campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Foi um encontro admirável. A UERJ é o alvo, a ponta de lança, da tentativa de desmonte da universidade pública brasileira, empreendida pelos usurpadores que perpetraram o golpe de estado parlamentar-judiciário que nos atinge hoje. É a primeira vítima, por conta da calamitosa situação do estado do Rio de Janeiro, unidade da Federação que foi amplamente beneficiada por investimentos públicos e privados nos últimos anos: a indústria naval renascida (e agora destruída, passando de 80 mil trabalhadores para menos de 20 mil); os investimentos urbanos em função da Copa do Mundo e das Olimpíadas, o transporte urbano, entre outros. O funcionalismo do Rio de Janeiro está há meses sem receber os salários, exceção, é claro, das forças de segurança, reconhecidamente mal treinadas e estupidamente brutais daquele estado, mas que garantem o mínimo de proteção para o governo, e que contam agora, com o emprego a contragosto de um contingente de forças federais. A UERJ está sem contrato de manutenção, limpeza e segurança há quase um ano, e professores e funcionários estão com os salários atrasados há quatro meses, além de não terem recebido o 13º salário.

Diante dessa situação, o esforço que esses professores e funcionários, com a participação dos alunos (quase 200 monitores voluntários) fizeram para organizar e executar um evento de grande porte, com convidados nacionais e estrangeiros foi simplesmente monumental. A UERJ resiste ao descalabro, a duras penas e com grandes sacrifícios.

A Abralic, como já disse, é a associação que reúne professores e especialistas em literatura comparada. E é isso que a faz importante para a nossa literatura e, por extensão, ao mercado editorial. A mesa da qual fiz parte tratava, precisamente, das dificuldades de expansão internacional da literatura brasileira.

Comparar os diferentes aspectos da literatura significa, precisamente, entender as relações do que os nossos escritores produzem vis-à-vis o que é produzido nesse grande concerto que é a República Mundial das Letras. Como nossa literatura se confronta e contribui para esse diálogo civilizatório – essencial para o entendimento entre os povos – que se expressa através da produção literária.

A difusão da literatura brasileira no exterior enfrenta enormes dificuldades. E isso tem a ver com a nossa indústria editorial.

Essas dificuldades começam com a posição subalterna da língua portuguesa no mercado internacional das letras, em particular diante da predominância do inglês como fonte do maior número e traduções em todo o mundo, por conta do poderio econômico, cultural e militar (por que não o dizer) dos países que falam essa língua, em particular os EUA e o antigo Império Britânico. Já tratei diversas vezes desse assunto, tanto no [PublishNews](#) como no blog [O Xis do Problema](#). Quem quiser pode ler os posts sobre o assunto, listados no final. Além dessa dificuldade básica, estrutural, nos defrontamos também com a incapacidade do estado brasileiro de estabelecer políticas públicas para o fortalecimento da posição cultural do país e de sua literatura. Sinceramente, rio para não chorar quando o Itamaraty fala em *soft power* na política exterior brasileira. Enquanto os EUA usam seu poderio econômico para resistir, por exemplo, ao Tratado da Diversidade Cultural, aprovado pela Unesco e já em vigor (teoricamente), países com forte tradição cultural, como a Grã-Bretanha, a Alemanha e a França desenvolvem extensas políticas públicas de difusão de seu idioma e sua cultura. Aí estão o British Council, o Goethe, a Alliance Française e o Institut Français para mostrar.

Até mesmo países de menor porte, como a Espanha e seu Instituto Cervantes e os programas culturais dos países nórdicos, desenvolvem programas vigorosos de difusão cultural, como parte de sua visão da importância do chamado *soft power*. Do mesmo modo, para nos matar de vergonha, o Instituto Camões, de Portugal. Um pequeno país, recém-saído de uma enorme crise econômica, com um PIB equivalente ao do Rio Grande do Sul e tamanho similar a Pernambuco, mantém centenas de centros culturais, cátedras, programas de apoio à edição de autores portugueses. Chegam a escarnecer da ex-colônia ao manter, aqui no Brasil, um programa de apoio para a publicação de autores portugueses, em português.

Pois bem, conversar sobre esse assunto em uma grande e bem organizada reunião de especialistas foi uma experiência, ao mesmo tempo, gratificante e deprimente. Gratificante pela oportunidade de poder explicar de modo mais claro a necessidade de fortalecer a difusão da nossa literatura no exterior. Deprimente por ter que relatar o que muitos já conhecem na prática, a falta de ações consistentes dos sucessivos governos brasileiros e de nossa diplomacia para enfrentar o problema de modo consistente.

Temos, evidentemente, valiosíssimas iniciativas individuais, com diplomatas empenhados nessa tarefa (e não apenas em relação à literatura, como também a outras expressões artísticas). Temos também o único esforço continuado, que já acumula mais de 20 anos de existência, apesar dos altos e baixos, que é o Programa de Apoio à Tradução, mantido pela Biblioteca Nacional.

O panorama geral, entretanto, é desolador.

Mas um encontro do porte e da importância da Abralic ser palco também para a apresentação desses temas, portanto, é duplamente alentador.

Em primeiro lugar, porque a reunião mostrou que a resistência da universidade pública brasileira é real. Ela não se deixará esmagar com facilidade. Em segundo lugar, porque os professores e pesquisadores presentes ao encontro tiveram a oportunidade de conhecer melhor esse problema também como um componente de suas dificuldades. A construção de uma solidariedade recíproca é imprescindível.

Voltando à questão da ameaça contra as universidades públicas, a pretexto de que a “maioria” dos seus alunos são ricos e, portanto, podem assumir o custo de sua manutenção, privatizando-as, um recente estudo da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), mostra que seu perfil social mudou. Dois terços do quadro dos alunos têm origem em famílias com renda média de até 1,5 salário mínimo.

Quase 50% dos estudantes se autodeclararam pretos e pardos; 52% são mulheres; 60% vêm de escolas públicas; 35% trabalham; 53% utilizam transporte coletivo para frequentar as aulas. Dizer que as universidades públicas atualmente são frequentadas só pelos ricos não condiz, em absoluto, com a realidade.

As medidas mais recentes, como as cotas, a instituição do Enem e principalmente a criação de dezenas de novas universidades e campi facilitaram um processo de inclusão da população mais pobre e discriminada nas universidades públicas. O desempenho desses alunos não deixa nada a desejar em relação aos que não se beneficiam das medidas de inclusão.

É contra isso que se processa esse desmonte da Universidade pública, gratuita e democrática.

Não esqueçamos também, o que é particularmente preocupante para o mercado editorial, que as mudanças recentes no PNLD – ainda que tenha abrigado algumas medidas interessantes – vieram acompanhadas de redução de verbas. Desse modo, além de diminuir o acesso aos livros por parte de todos os alunos, perde-se a perspectiva de que a adoção da compra de livros para os estudantes dos cursos superiores seja adotada. A redução das verbas para a Capes e o CNPq colocam no horizonte uma diminuição até das verbas destinadas à aquisição de livros para as bibliotecas nas universidades.

Nesse contexto, a reunião da Abralic assume um papel que vai mais além das discussões acadêmicas sobre literatura comparada. A união de professores, alunos e funcionários da UERJ, que fizeram mutirões para limpeza, organizaram uma logística impecável para o encontro e ainda reuniram doações de alimentos para formação de cestas básicas para funcionários. Foi uma reunião de promoção do direito de aprender e, por conseguinte, de ter acesso aos livros e à leitura.

Mídia: ESTADÃO - ESTADO DA ARTE

Tipo: DIGITAL

Data: 15/08/2017

Link:

<http://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/o-corpo-da-mulher-como-campo-de-batalha/>

O Corpo da Mulher como Campo de Batalha

Difícil, hoje em dia, confiar num registro tão batido quanto a denúncia da opressão. É um problema grave, porque existem coisas que precisam mesmo ser denunciadas. Mas, como na fábula do menino que gritava "Lobo!", eu ouvi "Lobo!" e não fui verificar.

Estado da Arte

15 Agosto 2017 | 09h37

Por *Pedro Sette-Câmara*

Acho que foi no sábado: abri um suplemento literário, li a palavra “opressão” e fechei o jornal, passei adiante. Difícil, hoje em dia, confiar num registro tão batido quanto a denúncia da opressão. É um problema grave, porque existem coisas que precisam mesmo ser

denunciadas. Mas, como na fábula do menino que gritava “Lobo!”, eu ouvi “Lobo!” e não fui verificar.

E assim pensei em seguida em Matéi Visniec, dramaturgo romeno de quem já traduzi três peças. Visniec é muito mais do que um anti-menino que gritava lobo. Seu sucesso na França, em sua Romênia natal, e no Brasil, é fácil de entender. Sua obra não se deixa reduzir a nenhuma mensagem pré-fabricada. Quer dizer: qualquer ideólogo pode reduzir o que quiser, mas o espectador facilmente verifica a violência. É que quem denuncia a opressão na arte costuma fazer isso oprimindo, em primeiro lugar, a própria arte.



Matéi Visniec

Mas bem. Na quarta-feira anterior, pude conhecer o próprio Visniec, que passou pelo Rio de Janeiro. Ele já esteve algumas vezes no Brasil. Dessa vez, após uma programação intensa em Porto Alegre e em São Paulo, assistiu a duas montagens suas no Rio, uma delas na UERJ, onde faço meu doutorado em Letras.

A montagem foi parte da programação do XV Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada. Aliás, “opressão” pode ser um exagero, mas os professores e os funcionários da UERJ estão sem receber, e eu, no lugar deles, não sei se teria produzido um congresso tão caprichado apenas porque sim. Por uma semana, não se notou vestígio nenhum da crise da UERJ, com todo o mérito para a ABRALIC e para a equipe da universidade.

O texto de Visniec em encenação foi *O Corpo da Mulher como Campo de Batalha*. Não há no título a menor tentativa de ser metafórico. A peça trata de Dora, mulher estuprada por cinco soldados do lado inimigo na última guerra dos Bálcãs.

É franzindo o rosto e com a sensação de uma pedra na garganta que lembramos que o estupro das mulheres do território inimigo não tem nada de novo. Na Segunda Guerra Mundial, os alemães, ao invadir a Rússia, deixaram centenas de milhares de filhos de seus estupros. Quando foi a vez de os russos invadirem a Alemanha, retribuíram com gosto.

Ao final da peça, a plateia aproveitou para mencionar os alarmantes números de estupros no Brasil. Fora de pequenas áreas dentro das maiores metrópoles, as estatísticas brasileiras da violência são comparáveis às de países em guerra. Só que aqui no Brasil não estamos falando de uma guerra, que começa no dia X e termina no dia Y, e tem lados mais ou menos demarcados.

Volto à peça de Visniec. Dora dialoga com uma psicóloga americana. Resiste a ela, por temer que a psicóloga esteja oferecendo uma falsa simpatia. Se os estupradores serviram-se dela

com violência, a psicóloga pode estar querendo servir-se por meio da persuasão. Afinal, depois de enfrentar um estupro coletivo, Dora ainda vai virar porquinho-da-índia de uma psicóloga gringa?

Nessa resistência é que começamos a ouvir a voz de Dora. A possibilidade de antagonizar alguém vai lhe dando força para reafirmar-se. Não existe nisso paradoxo nenhum. Dora vai recriando uma relação, mesmo que seja uma relação difícil, e ter uma relação nova permite que ela seja alguém novo.

Deixamos assim o terreno das estatísticas e dos problemas em geral. Estamos lidando com Dora, um indivíduo. Algumas mulheres esturadas talvez se identifiquem com a personagem. Outras, não. Porém, todas elas, assim como o público em geral, têm um ponto de referência crível, um sujeito com quem dialogar.

Eis o que há de mais curioso. Hoje os denunciadores das opressões parecem a nós mais preocupados em denunciar pensamentos e palavras, atos e omissões da vida comum da classe média. (E certamente alguém dirá que o macho adulto branco Matéi Visniec sequer tem o direito de escrever sobre estupro, que está “roubando o lugar de fala” etc.) Só que a peça, é claro, não é um exemplo dentro de um argumento retórico maior contrário ao estupro como tática de guerra – é preciso mesmo alguma retórica contra uma coisa dessas? O efeito de *O Corpo da Mulher como Campo de Batalha* é bem outro: o espectador, mais do que se compadecer da mulher violentada, ou de admitir um horror inominável, passa a torcer por ela, porque ela é capaz de recolocar a vida nos eixos, ou ao menos de reformulá-la um pouco mais segundo seus próprios termos.

Até porque, se o corpo de Dora foi transformado em campo de batalha, isso não quer dizer que ela esteja inevitavelmente fadada a perder.

Pedro Sette-Câmara, tradutor e doutorando em literatura comparada na UERJ

Mídia: MILENIO

Tipo: DIGITAL

Data: 13/08/2017

Link:

<http://m.milenio.com/cultura/laberinto/toscanadas-corrupcion-universidad-do-estado-de-rio-de-janeiro-david-toscana-laberinto-0-1009699209.html>

Corrupción ilustrada

Toscanadas

David Toscana

Eu estou agora no Rio de Janeiro. La ciudad está alicaída. Hay un desmorone si se le compara con lo que fue hace algunos años, antes de que se embarcara en organizar unos absurdos Juegos Olímpicos. Cuando pregunté a un grupo de brasileños para qué su gobierno había organizado tal evento, me respondieron sin titubeos: "Para robar".

Los mexicanos conocemos bien el mecanismo del robo mediante obra pública. Se organiza un supuesto concurso. Con información privilegiada se cotiza más bajo para ganar el contrato. Luego se duplica o triplica o cuadruplica el presupuesto, mientras que la calidad de

la obra se va minimizando, y entonces viene otra millonada por mantenimiento, reparaciones y adecuaciones.

En Río de Janeiro la ratería presupuestal fue tan grande y, sobre todo, fue tan escandalosa, que no hubo modo de salvar la cabeza del entonces gobernador, quien ahora está en el bote. Ahí aguardará pocos años para luego salir, desenterrar su tesoro oculto y vivir como jeque árabe, sin que para ese entonces su estado haya podido sanear las finanzas.

El nuevo gobierno no es mejor que el anterior. Si se volvió menos ladrón, es porque encontraron ya saqueadas las bóvedas estatales; y ante la necesidad de ahorrar, decidieron atacar al enemigo tradicional, al ente pensante, a la institución crítica, al semillero de resistencia: la universidad.

Optaron por abandonar la Universidad do Estado de Rio de Janeiro. Para ellos la ecuación es: dejemos a cincuenta mil estudiantes sin estudios con tal de que un puñado de pillos viva tranquilo.

Mientras esto escribo, los profesores llevan ya cuatro meses sin cobrar salarios, al tiempo que los políticos infames multiplican los suyos.

La respuesta no ha sido de deserción sino de solidaridad, de una firme resistencia, e incluso la de poner un mejor esfuerzo en la enseñanza. El ataque al derecho de la educación no hizo sino reforzar la importancia de este derecho; no hizo sino revelar la perversa intención de un Estado que se siente más cómodo con un pueblo ignorante e incapaz de generar una transformación.

La UERJ vivirá, dicen alumnos y profesores y el propio rector. Para mantener el espíritu algunos llegan disfrazados como superhéroes de cómic. Y yo estoy aquí para dar un curso sobre don Quijote como personaje heroico, como santo patrón de las causas difíciles, como hombre ético e inquebrantable. Esto como parte de un fantástico congreso de literatura comparada que se ha organizado sin presupuesto oficial, mas con mucha solidaridad de otras universidades, que no dejarán morir a una hermana. Al participar en este evento no puedo sino recordar aquella frase de los chilenos en 1962: "Porque nada tenemos, lo haremos todo".

En fin, parece que nuestros gobernantes latinoamericanos están hechos para robar. Son ellos, y no la mayoría de nosotros, quienes padecen la corrupción como asunto cultural, tal como lo aceptó el culto Peña Nieto. Así pues, ya que hablamos de cultura, solicitemos una corrupción ilustrada: roben mientras se construyen escuelas, no pasos exprés; roben al erigir edificios, aulas, laboratorios, bibliotecas para las universidades; roben con museos, salas de conciertos y teatros, no con aeropuertos; roben con bellas ediciones de clásicos, con capacitación para los maestros, no con estadios. Conviértanse, amigos funcionarios, en corruptos ilustrados, pues es más importante un atajo a las humanidades que ahorrarse diez minutos para llegar a Acapulco.

El corrupto ilustrado igual se roba la lana, pero a cambio nos dejaría cultura, no un socavón por el que luego acaban por hundirse coches, escuelas, universidades, aspiraciones, ideas y libertades.

Mídia: PEIXE-ELÉTRICO

Tipo: DIGITAL

Data: 13/08/2017

Link:

<https://www.peixe-eletrico.com/single-post/2017/08/13/Mundo-Lama-%E2%80%93-impress%C3%B5es-da-Abralic-2017>

Mundo-Lama – impressões da Abralic 2017

13 Aug 2017

Tiago Ferro

A respeito da UERJ sei o que todos que estão distantes e acompanham atônitos o desmonte do Estado brasileiro sabem: aulas suspensas, professores sem receber o décimo terceiro de 2016 e os salários regulares há 4 meses. É com essas informações que entro no ônibus que levará os palestrantes do dia 10 de agosto para o XV Congresso da Abralic. No caminho leio um post do Ricardo no Facebook que diz que a UERJ foi a primeira universidade brasileira a implantar algum tipo de sistema de cotas.

***Estranhamento** Contornamos os prédios da universidade e, para quem nunca os viu, trata-se de uma imagem impactante. Vários blocos altos e cinzas com escadas e rampas de concreto ligando um ao outro. Penso na arquitetura do bloco soviético. Parece uma construção pensada como abrigo, refúgio. Uma fortaleza intransponível. Entro pela rampa principal e como as aulas estão suspensas está tudo vazio e silencioso. Na cabeça me vem a palavra “chernobyl”. A garoa fina e o tempo nublado, o elevador com as placas no teto soltas e os fios aparentes reforçam a sensação de uma tragédia invisível, mas presente.*

Tudo muda quando desço no 11º andar. Alguns amigos, muita gente, um bandeirão improvisado e uma certa excitação auto-imposta: menos para mostrar para o restante do país que ali se fará a diferença, muito mais como uma tentativa, no limite do desespero, de provar a nós mesmos que é possível resistir.

Um amigo me fala um pouco do quanto aquele prédio é simbólico. Está localizado no limite da Zona Sul. É uma universidade que se abre para a Zona Norte. Um projeto de integração da cidade por meio da escola pública. Ele me conta também que as telas de proteção instaladas nos andares são por causa dos suicídios de alunos. Vou para a minha mesa tratar de jornalismo literário digital com todo esse peso de informação nos ombros. Fico aliviado por ter incluído em minha fala inicial uma boa quantidade de reflexões políticas.

Após uma pergunta bastante complexa, comento que me parece que vivemos em uma espécie de lama histórica. Um período em que tudo está caindo, já não é possível tentar as soluções do século passado e o novo ainda não apareceu. Se não estou enganado, a minha geração vai ter que se virar nesse **Mundo-Lama**.

No dia seguinte tomo um café com o Fernando. Ele comenta que o famoso ensaio "Fim de século", do Roberto Schwarz, em algum momento pareceu ter errado feio, que o Brasil enfim conseguiria ser integrado ao bloco de países avançados. Hoje, ele me diz, o texto do crítico é certo. Comento com ele que não só perdemos o bonde desenvolvimentista como o próprio bonde, o trilho e o caminho desapareceram.

Tirando do contexto, funciona aqui um trecho de letra de uma canção do Caetano Veloso: "atrasado e aflito. E paramos no meio".

Falar no congresso da Abralic foi uma experiência ainda não totalmente digerida por mim. E este texto é uma tentativa de compartilhar algumas impressões.

Qual é o meu papel nesse campo cultural em meio a uma crise do capitalismo sem precedentes? Qual o valor da cultura em uma sociedade conflagrada que carece de tudo o que é mais básico, incluindo os meios de sobrevivência dos próprios intelectuais e professores? Alguém além dos meus colegas está disposto a ouvir o que nós temos a dizer?

Sim, produzimos resistência e conhecimento durante os cinco dias de congresso e sou muito agradecido pelo convite e pela oportunidade. Trago comigo para São Paulo o orgulho e o peso de ter participado desse evento decisivo. Acredito que as coisas retornarão a uma certa normalidade na UERJ. Mas ali, mais do que em qualquer outra universidade do país, sempre haverá o incômodo de saber que o limite entre uma existência difícil e no final precária e a aniquilação completa, é tênue.

++

(texto lido durante o XV Congresso da Abralic)

Gostaria de iniciar minha breve fala com uma reflexão que surge do próprio nome desta mesa: "Jornalismo literário em tempos digitais". Nunca me entendi trabalhando como jornalista. Nosso desejo quando decidimos colocar mais uma revista de cultura no mercado foi, a princípio, resgatar a boa tradição da resenha. Publicar textos que buscassem não *o que* é determinado livro, mas sim, *por que* é. Um tipo de resenha já muito difícil de ser encontrada, salvo raras exceções, nos cadernos de cultura dos principais jornais que até ontem definiam o debate. Não caberia aqui buscar as causas, mas acredito não estar equivocado ao afirmar que em algum momento esses cadernos sucumbiram definitivamente à lógica do mercado, no caso, do mercado editorial, e passaram a funcionar como divulgadores de lançamentos, fomentar as vendas e não o debate, função essa que se torna a cada dia mais irrelevante frente a velocidade e eficiência imbatíveis das redes .

Quando criamos a *Peixe-elétrico*, além das revistas mais tradicionais como a *New Left Review*, estávamos muito interessados nas norte-americanas *Jacobin* e na *n+1*. Mas veio do sul nossa principal inspiração. Nos dedicamos a ler todas as edições dos 30 anos da *Punto de Vista*, revista argentina dirigida por Beatriz Sarlo. Já em seu primeiro editorial, uma frase da Sarlo expressou os nossos desejos e a repetimos em nosso primeiro editorial também, seus fundadores queriam uma revista "que não aspira à atitude conservadora de recompilar bons artigos, mas que eles se tornem os eixos do debate". De resenhas partimos para ensaios buscando um aprofundamento do debate. Procuramos não os grandes nomes, como outras

revistas do *establishment* cultural brasileiro costumam fazer, mas os grandes textos. E assim publicamos Jameson, Eagleton e a própria Sarlo. Mas também jovens como o escritor Victor Heringer, entre outros. Ao selecionar o material para uma determinada edição sempre tivemos o cuidado de colocar lado a lado ensaios que ao se aproximarem aumentassem o volume crítico. Tenho clareza a respeito dos mecanismos do mercado que oferece hoje obras críticas do passado como mera mercadoria. Nossa opção pelo e-book e não por um site, apesar de termos um blog para textos mais curtos e de ocasião, veio do desejo de selecionar o que deve estar reunido em cada edição da revista.

Sempre pensamos a publicação como uma plataforma contra-ideológica. Buscando a crítica cultural, principalmente literária mas não apenas, que ao desvendar e desconstruir a forma de objetos estéticos pudesse ajudar a esclarecer os processos de controle que barram o encaminhamento de sociedades mais justas e progressistas.

Aqui cabe uma consideração, em tempos de uso apaixonado do termo "pós-verdade", a minha preferência ainda é pelo conceito de ideologia, lá como formulou o velho Marx e foi sendo trabalhado por toda uma tradição de críticos culturais. Ideologia não como uma mentira contada várias vezes que se torna uma verdade, mas como projeção de ideais de sociedade que são falsos não exatamente pelo que oferecem ou prometem, mas por venderem a ideia de que está tudo dado e que esse suposto estado natural das coisas não pode ser alterado.

Mas voltando, entendo que nos distanciamos do que se entende como jornalismo ao não nos preocuparmos com as narrativas mais factuais do dia a dia ou mesmo com as expectativas e o *timing* impostos pelo mercado e pela indústria cultural. Mas de alguma forma nos aproximamos paradoxalmente da ideia de jornalismo se entendermos que nossa busca por interferir no debate do dia de hoje não deixa de estar mais próximo desse campo de atuação do que das ciências humanas e seu tempo mais lento de reflexão.

Após o golpe de Estado de 2016 temos observado atônitos a destruição do que havia de fato, ou de ideológico, de progressista no Estado brasileiro. Sem entrar em qualquer mérito de acerto ou erro, apenas tomando como exemplo, nos oito anos FHC fomos embalados pelo Plano Real e em seguida, no governo Lula, principalmente, pelo Bolsa Família. Ideologias poderosas de transformação ampla do país que se cumpriram em parte, de acordo com a visão e ponto de vista do observador. Desde que Temer assume o poder, a cada dia observamos mais e mais o funcionamento sórdido e mesquinho do aparato governamental brasileiro completamente despido de qualquer projeto ou mesmo vergonha na cara. Nenhuma crítica contra-ideológica foi capaz de operar tão rapidamente um retrato real do nosso país como os próprios bandidos fizeram em sua luta nua e crua pelo poder, sempre aliados com os interesses do capital internacional, que, há muitos anos, tem no Brasil a cara sinistra de Henrique Meirelles.

Especificamente em nosso âmbito de atuação é muito significativo que este evento ocorra nas dependências da UERJ, e agradeço ao João Cezar de Castro Rocha e a Abralic pelo convite. Acompanho de perto, mesmo que à distância, as notícias cada vez mais absurdas do que acontece por aqui, mas também a produção de resistência que se organiza e opera.

Nunca antes o horizonte de mudança rumo a sociedades mais justas e menos desiguais esteve tão limitado quanto em nossos dias. O ataque ao pensamento progressista acontece em diferentes frentes. Do corte de bolsas, do imoral e criminoso não pagamento de salários até o impedimento de grupos de estudo do marxismo.

Cabe agora refletirmos sobre o papel da crítica neste momento que, salvo engano, é de um caminho sem volta para os modelos de Estado do Bem-Estar Social existentes durante o século XX. Está tudo ruindo, no centro e na periferia do capital e, se é que se pode chamar de privilégio, nossa posição deslocada permite observar esse derretimento do capitalismo também nos países centrais com a fanfarronice nefasta de Donald Trump ou com a tentativa cheia de desfaçatez de resgatar certo liberalismo ilustrado na França.

Mais do que desconstruir, me parece que se impõe de forma urgente a tarefa da construção de novos significados, de projetar algo que ainda não está dado. A tarefa dura e ética, e de enorme responsabilidade de, enquanto busca-se as contradições da sociedade na forma artística, não deixar de ter um olhar para o presente e um desejo de estar de outra forma no futuro. Como exatamente fazer isso ou o que iremos ou não encontrar, eu realmente não sei. Mas esse impulso de construção me estimula, apesar de tudo, a seguir editando a *Peixe-elétrico*.

Obrigado.

Mídia: IDEIAS A DERIVA

Tipo: DIGITAL

Data: 12/08/2017

Link:

<http://ideiasaderiva.blogspot.com.br/2017/08/noticias-do-front-abrali-2017-uerj.html>

Notícias do front: ABRALIC 2017 – UERJ.



Em alguma edição do antigo JB, Aldir Blanc escreveu sobre “genocídio de sonhos”. E ontem eu fui à UERJ. E ontem foi o encerramento do XV Congresso da ABRALIC e, no palco do teatro Odylo Costa Filho, duas alunas da Universidade puderam contar um pouco da história de suas vidas e muito da de seus sonhos, ligados todos àquela instituição. Feito raro em encerramento de Congresso, onde a celebridade era o professor Silvano Santiago e sua história de “curiosidade intelectual”, o teatro estava lotado e elas tremiam, intensas de vida, de sonhos e de luta. Foi bom ver uma garotada trabalhadora sorrindo e lutando para que aquela casa não desabasse e a casa e o evento fossem um sucesso. E foi. Mais: se meu sorriso claudica, gauche que também sou, o daquela turma, vivo, enchia o ar, elétrico. Ali estavam os nossos melhores jogadores, a nossa maior seleção. E eu, que só entendo do riso mordaz, ácido, irônico, que já é de certa forma dor, não estava conseguindo acreditar no que muitas vezes escrevi no Facebook e aqui mesmo, no Ideias: não será mais possível, através do diálogo, apesar do descolamento do discurso dos governantes e dos seus exemplos, convencer essa garotada a desistir, a voltar para casa e repetir a história de seus pais. Seus antepassados saíram das senzalas, da seca do nordeste encharcado de coronéis, seus avós e pais sobreviveram nos bairros pobres de municípios distantes, ou nas favelas e comunidades da capital, mas, agora, seus filhos querem e podem muito mais.

Distraído, talvez você não tenha percebido, mas os salões do debate intelectual estão lotados. Os teatros, os clubes, as praças agora também são tomados para ouvir filósofos, historiadores, pensadores. As feiras literárias têm novos atores e os nomes vão surgindo e, ao contrário do que pensávamos, uma vez surgidos, não desaparecem mais: as Amandas, os Claudios, os Severinos, as Macabeas, quando voltam para casa, voltam com livros – os perigosos livros – e, uma vez lidos, vão espalhar ideias renovadas por aqui. Vão acordar quem não sabia que dormia. Em casa, na rua, nas igrejas, vão plantar um som aonde havia barulho, vão piscar aonde a luz cegava. Sim. É verdade. O clube dos loucos reage “erguendo estranhas catedrais”. E dá-lhe canalhas nos sonhos de um país mais justo. Mas já era. Essa garotada percebeu que a palavra é pública e, como um átomo, guarda poder. Então, depois que a descobriram, viram e estudaram sua cor, sua capacidade de luz e escuridão, de som e barulho, se apossaram dela e, agora, vão desmontá-la, desestruturá-la, o que quer dizer que vão estruturá-la de outro modo. E, agora, muitos mais participarão desta ceia e todos teremos que aprender a digerir a palavra nova. Tente lembrar, antes do ano 2000, de uma praça brasileira cheia de pessoas querendo ouvir e debater ideias. De posse do alimento e do alimento-palavra, Caliban também quer ir à Ágora. E ela está enchendo e os garotos, desta vez, não vêm apenas vender balas e bater na janela do carro. Deixaram que as palavras lhes chegassem, agora, eles querem, podem e vão falar.

Quando o professor João Cezar de Castro Rocha entrou no palco, os aplausos e a festa dos alunos comprovaram: algo mudou. Apesar de Sérgio Cabral, de Pezão “e sua corja de assassinados, estupradores e ladrões”, a UERJ festeja e celebra, antes e depois do estudo, antes e depois de ouvir a palavra. Algo mudou porque não eram os sisudos, os duros, os severos tempos em que a luz entrava na sala e iluminava “a-lunos”, colocando-os contra a parede. Quando o professor Silvano Santiago entrou, trouxe seus vagalumes, começando pelo do Guimarães Rosa de *As margens da alegria*, os de Didi-Huberman, para juntarem-se aos vagalumes da UERJ. Foi possível pensar no efeito apagador da luz do holofote do estado

fascista, do aspecto silenciador dos alto-falantes. Ficou fácil, então, professor: luz demais não deixa ver-enxergar; som demais não deixa ouvir-escutar.



No dia anterior, o professor Costa Lima, através de Ana Lúcia Machado de Oliveira, já tinha feito que eu prestara atenção, para a minha pesquisa, na diferença entre ‘controle’ e ‘censura’, e que, talvez, o centro da minha reflexão seja mais aquele do que esta. Sim. Entendi muito mais: uma aula é boa quando ganhamos algo, mas, sobretudo, é sensacional quando aponta o que nos falta. É, então, o sol de João Cabral, aquele que esclarece, que indica o caminho.

Obrigado, obrigado, obrigado.

Já sabemos que eles não ligam para a posteridade. Não se importam se, daqui a 30 anos, forem lembrados como os maiores ladrões da história deste estado – deste país. Até porque acreditam que outros virão superar seus números, até porque seguem uma tradição familiar. Não importa a guerra que deixarão nem os corpos de suas irresponsabilidades egoístas, uma vez que nunca serão corpos de sua casa. Vivem a festa enquanto podem, e a festa, como sabemos, em muitos casos, dura a vida toda. Por fim, garantem algum império aos seus herdeiros, que, livres do pecado original, falarão sobre honra e empreendedorismo, tendo apagado as marcas do parentesco de seus sobrenomes. Mesmo perdendo, eles nunca perdem o suficiente.

Ao resto de nós, cabe ser feliz com e como os vagalumes. E isso é bom.

Posted 12th August by Máximo Heleno Rodrigues Lustosa

Mídia: FOLHA DE S. PAULO - PAINEL DAS LETRAS

Tipo: DIGITAL

Data: 12/08/2017

Link:

<http://www.publishnews.com.br/materias/2017/08/17/abralic-a-universidade-em-perigo-e-a-literatura-brasileira>

painel das letras

por Maurício Meireles

Maurício Meireles é jornalista especializado na cobertura de literatura, mercado editorial e políticas de livro e leitura. Escreve aos sábados.

Na Bienal do Rio 2017, programação cresce enquanto exposição encolhe

12/08/2017 02h03

O evento, que começa em 31/8, terá uma diminuição de 8% na área ocupada por editoras expondo seus livros. A Ediouro, por exemplo, que tinha um espaço importante, não terá estande próprio.

O número de estandes é quase o mesmo (197 neste ano, contra 196 em 2015), o que indica que as editoras estão poupando na compra. A Bienal costuma ser vista como investimento de marketing, já que dificilmente lucram com a venda de livros lá.

Como compensação pela queda na área de exposição, o evento calcula em 360 horas sua programação cultural -40% a mais do que em 2015-, em espaços como o Café Literário, o EntreLetras e o Geek & Quadrinhos.

A expectativa é que, com a infraestrutura de transportes montada para a Olimpíada, o público compareça em peso ao Riocentro. Em anos anteriores, era possível demorar três horas do centro do Rio até o local. De carro.

Maior que a edição paulistana, a Bienal carioca custará R\$ 42,3 milhões. O valor é o mesmo de 2015, se corrigido pela inflação acumulada no período, de 15%.

Uerj A Livraria Leonardo da Vinci, que estava com um espaço no congresso da **Abralic (Associação Brasileira de Literatura Comparada)**, iniciado na segunda (7), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, vendeu 30% mais do que costuma vender no mesmo período na livraria em si.

Uerj 2 A loja da Da Vinci, no centro da cidade, também se tornará ponto de venda de camisetas, copos e sacolas produzidos com frases de apoio à Uerj. O dinheiro advindo da venda dos objetos promocionais será revertido para os funcionários da universidade, que estão com os salários atrasados por conta da crise no Estado.

Tradução A Estação Liberdade lançará "The One Inside", primeiro romance de Sam Shepard

(1943-2017), lançado em fevereiro deste ano pela Knopf nos EUA. Mistura de memória e ficção, terá tradução de Denise Bottmann.

Raro Jorge Schwartz e Gênese de Andrade preparam, para a Companhia das Letras, edição fac-similar do "Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade". O livro original saiu com 200 cópias, hoje raríssimas.

Policial Está marcado para maio que vem um novo festival literário, o Búzios Noir, voltado para a literatura policial, na cidade fluminense.

Mídia: REVISTA CULT

Tipo: DIGITAL

Data: 11/08/2017

Link: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-matei-visniec/>

Matéi Visniec: O artista é indispensável porque é o perturbador profissional da banalidade
Paulo Henrique Pompermaier disse:

11 de agosto de 2017



O dramaturgo e jornalista romeno Matéi Visniec (Cato Leim/Divulgação)

O futuro é decidido por um círculo restrito de indivíduos e figuras da globalização, diz o dramaturgo e jornalista romeno naturalizado francês Matéi Visniec. Os “arquitetos do nosso futuro”, afirma, são banqueiros, militares, publicitários e políticos, enquanto escritores, filósofos, poetas, artistas e professores são excluídos da mesa em torno da qual poderosos decidem os rumos da humanidade.

“Eu milito para que o artista (portanto o teatro também) possa se sentar a essa mesa, onde nós tentamos construir o futuro e compreender as dificuldades do presente”, afirma Visniec em entrevista à CULT, por e-mail, durante sua passagem pelo Rio de Janeiro para a o XV Congresso Internacional da ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada).

O autor acaba de lançar no país a peça *Migraaantes Ou Tem Gente Demais Nessa Merda de Barco ou O Salão das Cercas e Muros (É Realizações)*, baseada em notícias reais sobre as dificuldades vividas por migrantes que tentam chegar à Europa. Trata-se de uma “colaboração”, diz, entre o jornalista com quase trinta anos de profissão e o dramaturgo com 21 peças publicadas no Brasil – em que usa a poesia e alguma dose de humor negro para explorar o mundo e as contradições do ser humano.

“Quando o jornalista que vive em mim está impressionado com o sofrimento das pessoas, o escritor que está em mim também se coloca a questionar sobre o absurdo do sofrimento”, afirma.

Em entrevista à CULT, fala sobre o papel do artista no debate político e social, sobre a crise migratória na Europa e sobre a urgência de se repensar a prática política.

CULT – Qual a importância do teatro para debater os problemas sociais contemporâneos, como a imigração, e, assim, despertar a consciência crítica dos leitores e espectadores?

Matéi Visniec – O teatro é um espaço de debate extremamente encorajador, interessante e gratificante para o espírito. Claro, ele não vai resolver sozinho todos os problemas do mundo, nem qualquer uma das crises atuais, como a imigração. Mas, ao mesmo tempo, o teatro permite explorar, de uma maneira diferente, os dilemas da sociedade contemporânea. Frente à complexidade de certos problemas, a análise dos políticos é nula, o aviso de especialistas se mostra insípido e inoperante e o olhar dos sociólogos é frio. O artista, o comediante, o diretor encenado, o poeta podem trazer um olhar fresco sobre a atualidade. Podem contribuir, às vezes com as ferramentas do humor e da poesia, para chegarmos mais próximos ao coração dos problemas.

Eu sempre confiei na força do olhar particular do artista. Ele é menos impregnado de ideologia, menos submisso à pressão midiática, mais livre e desinibido. O que eu quero dizer, para ser mais preciso, é que hoje em dia o futuro é decidido por um círculo restrito de indivíduos e figuras da globalização. Metaforicamente falando, há em algum lugar uma grande mesa redonda e ao seu redor estão reunidos os arquitetos do nosso futuro. Mas ao redor dessa mesa eu só vejo os responsáveis políticos, os banqueiros, financiadores, militares, grandes patrões, publicitários, promotores da indústria de ponta, diretores de multinacionais. Eu não vejo nenhum escritor, poeta, filósofo, artista, jornalista investigativo, professor.

Acho inaceitável que a voz desses ‘atores’ da realidade seja inaudível. Eu milito para que o artista (portanto o teatro também) possa se sentar a essa mesa onde nós tentamos construir o futuro e compreender as dificuldades do presente. O artista é indispensável porque é o perturbador profissional da banalidade, da monotonia, do dogmatismo e do pensamento politicamente correto.

Em *Migraaaaantes*, você trabalha basicamente o tema da imigração. Você acredita que a imigração é um indício de uma crise europeia, ou até mesmo de uma crise democrática ou civilizatória?

Sim, você tem razão. A crise da imigração nos mostra, de fato, os limites da democracia na Europa, e mesmo os limites do pensamento humanista. A União Europeia é uma construção sem equivalentes na história da humanidade, um laboratório que eu considero essencial para todo o planeta. A União Europeia tentou, na verdade, reconciliar o liberalismo com a proteção social, a identidade de cada entidade com um sonho em comum, a liberdade com a integração... Mas esse edifício de 800 milhões de pessoas corre o risco de não resistir frente a dois bilhões de pessoas em potencial demandando asilo econômico, climático, político... Frente à força ‘desses grandes números’ e do tsunami demográfico, a Europa

parece extremamente frágil. E mesmo seu discurso humanista corre o risco de recuar. A Europa arrisca-se a se dividir, isso que nós vimos com o Brexit, e mesmo a se fragmentar, porque os países da Europa Oriental não querem se tornar terra de imigração em massa. Nós podemos apenas nos questionar quais são as soluções...

Em que medida esse é um problema agravado pelo capitalismo?

O capitalismo descarrilhou em uma forma de autocelebração contínua. A lógica do consumo projeta uma falsa imagem nos países pobres ou em via de desenvolvimento que, forçosamente, 'sonham' em integrar-se ao modelo ocidental de 'felicidade'. Esse modelo único de consumidor 'feliz' substitui o pensamento crítico e a lucidez. O consumismo tornou-se uma religião devoradora, que contamina mesmo os espíritos mais lúcidos. Parece uma espécie de doença, de vírus que infectou a imaginação de bilhões de pessoas, que passam a só acreditar nos 'ícones' do mundo publicitário e nos discursos reducionistas da televisão... Falar de um novo modelo torna-se cada vez mais utópico. Esse talvez seja o grande drama da humanidade hoje: ainda ter pela frente um século de celebração dos supermercados e do consumismo à beira do caos.

Na sociedade do entretenimento, qual é a importância da arte e do teatro?

Justamente, eu acho que a arte e a literatura tem um papel muito grande na sociedade do entretenimento, porque elas devem impedir a total lavagem do cérebro. A indústria do entretenimento torna-se cada vez mais dominante e se transforma em uma linguagem única. Há hoje, sobre o planeta, jovens que não sabem ver um filme de Fellini ou de Bergman, porque a linguagem de Hollywood tornou-se um "alfabeto cultural" no lugar de ser uma maneira de contar em imagens, entre outras coisas... Eu acredito que para a educação nós deveríamos preservar a identidade cultural, porque é nessa diversidade que reside o espírito crítico.

Para mim, a literatura foi sempre a melhor fonte de respostas aos problemas concernentes ao homem, à sociedade, ao mecanismo da história. Não é por nada que às vezes dizemos que uma situação é "kafkiana". É que Franz Kafka, em seus romances, captou alguma coisa relacionada à sociedade que nenhuma outra disciplina do espírito humano foi capaz de captar. Há hoje uma forma de dominação da imagem em detrimento da palavra. Mas o pensamento não pode se desenvolver sem a dimensão abstrata da palavra. Pensar significa saber utilizar os conceitos. A imagem se endereça, no geral, a um estágio emocional primário. Não aceitar a extinção das palavras é como uma luta contra nossa transformação em mutantes. Mas a sociedade do consumo não se preocupa com essas questões. Ao contrário, é conveniente a transformação do homem dotado de espírito crítico em mutante humanoide obcecado unicamente com os valores materiais.

Qual é a influência do seu trabalho de jornalista na escrita de Migraaaantes? Qual o seu contato com essa realidade?

Eu já sou jornalista há vinte e sete anos na Radio France Internationale. Tenho acesso imediato e cotidiano a essa material, que é a aflição do mundo, e a uma informação extremamente rica (e às vezes perturbadora). Eu também já viajei muito: Tunísia, Marrocos, Irã, Turquia... Gravei depoimentos [de refugiados] na Itália, Grécia, no sul da França, Espanha. Eu poderia dizer que essa peça foi escrita em colaboração entre o jornalista que vive em mim e o escritor que vive em mim. Cada um a coletar à sua maneira informações. Em todas as minhas peças eu exploro o mundo e as contradições do ser humano com ferramentas não-científicas, como a poesia e o humor negro. Quando o jornalista que vive em mim está impressionado com o sofrimento das pessoas, o escritor que está em mim também se coloca a questionar sobre o absurdo do sofrimento. O jornalista vê tudo depois da injustiça, mas o escritor também vê o lado grotesco da própria injustiça. Em resumo, as

armas dessas duas pessoas que vivem em mim não são as mesmas nessa luta em nome da compreensão da realidade, mas eles avançam no mesmo sentido.

Migraaaantes não termina com uma perspectiva positiva. Como você observa o desenvolvimento global da imigração?

A curto prazo, no meu ponto de vista, não há nenhuma solução. Mas há uma solução a longo prazo: o ocidente e os países industrializados do hemisfério norte devem “exportar” para o hemisfério sul a prosperidade, a democracia e a riqueza. Quando a vida se tornar “suportável” e aceitável por todos, os deslocamentos de populações não serão mais percebidos como “invasão”, “ameaças identitárias e culturais” ou fatores de desestabilização.

Ao final do livro, você fala sobre “cercas individuais”. A tendência da nossa sociedade, em sua busca por segurança e individualidade, é isolar-se cada vez mais e suprimir o outro?

Eu descobri, estupefato, até que ponto aqui no Brasil a segurança individual é um problema de todos os dias, quase uma obsessão. Em minha peça, de uma forma metafórica, eu denuncio a tendência das pessoas de se cercarem de farpas, de se enclausurarem por medo do outro. Mas aqui no Rio de Janeiro, por exemplo, quase todos os edifícios são protegidos por grades e sistemas de segurança. Tudo que eu posso dizer é que a realidade é, às vezes, mais forte que a ficção. Mas, novamente, essa não é a imagem que eu queria propor à mesa onde se projeta o futuro.

O pensamento de esquerda é ironizado em Migraaaates, que expõe o discurso vazio de um presente que apenas quer se manter no poder. Você pensa que é necessário reformular o pensamento político? Resgatar, talvez, os valores humanitários?

Sim, repensar a prática política é uma urgência. Os partidos políticos têm a tendência de se tornarem, em todo lugar, clãs rivais, sem ideologias e sem projetos. É preciso começar a introduzir a democracia no interior dos partidos políticos. Nós vivemos nessa realidade inacreditável: a vida democrática é povoada de partidos que funcionam de uma maneira ditatorial. Cada partido tem a tendência de tornar-se o produto de um guru e de seu grupo mais próximo, uma espécie de propriedade pessoal, uma estrutura piramidal que não permite a liberdade de pensamento e nem serve para o cidadão. Podemos dizer também que hoje em dia a democracia está fatigada, usada, roída pelo dinheiro, desfigurada pelos bufões da política, esvaziada de sentido por causa do pensamento politicamente correto.

Há urgência de reinventar o debate democrático de modo que o cidadão não se torne um consumidor dócil. Eu constato, na França, país de grande tradição democrática, a que ponto os partidos tradicionais perderam a credibilidade dos eleitores. A humanidade necessita de um grande esforço de imaginação e de boa vontade para salvar o único sistema que confere dignidade humana. O que constato na Europa, no que concerne à esquerda, é que ela perdeu o monopólio do discurso humanista, o que a desestabilizou em profundidade. Mas a esquerda perdeu sobretudo sua massa gravitacional, o proletariado no sentido marxista desapareceu, a consciência de classe não carrega mais o ímpeto revolucionário. Em minha peça eu faço um pouco a análise dos tiques da linguagem política. Desde minha infância romena (à época do comunismo) eu me forjei uma espécie de bússola interna. Assim que ouço um político falando, eu já sei quando ele vai falar sem dizer nada. Minha bússola me avisa e me impele a denunciar esse tipo de abuso e agressão à inteligência dos outros.

A onda de conservadorismo é global?

O jornalista que vive em mim está muito decepcionado. Ele acredita que o mundo regressa e que nós vamos deixar a nossos filhos uma paisagem humana, econômica e cultural desfigurada. Mas o escritor que vive em mim diz que o homem sempre teve a força para

saltar, que um renascimento geral é possível, que um recomeço da civilização poderia acontecer. É por isso também que eu continuo a escrever.

Mídia: SUPLEMENTO PERNAMBUCO

Tipo: DIGITAL

Data: 11/08/2017

Link:

<http://suplementopernambuco.com.br/artigos/1936-literatura-e-resistencia-no-brasil- hoje.html>

LITERATURA E RESISTÊNCIA NO BRASIL HOJE

- [Imprimir](#)

Categoria: [Artigos](#)

Criado: Sexta, 11 Agosto 2017 08:11

Publicado: Sexta, 11 Agosto 2017 08:11

Escrito por Regina Dalcastagnè



Transcrição da intervenção na mesa “Artes e Revolução”, durante o XV Congresso Internacional da ABRALIC, realizado na UERJ, na última quarta-feira, proferida por Regina Dalcastagnè, professora titular de literatura brasileira da UnB

Gostaria de iniciar minha fala lembrando de uma entrevista com um grande escritor brasileiro, que se debruçou com ética e desalento sobre o seu tempo. Antonio Callado afirmava que um escritor pode inventar qualquer coisa, menos uma revolução que não aconteceu. Não aconteceu nos anos 70 e não acontecerá hoje. Este não é um país de

revoluções, o que não quer dizer que não seja um lugar de profundas e históricas lutas de resistência – que o digam os descendentes dos africanos escravizados, cada menino e menina negros por este país afora. Que o diga Rafael Braga!

Por isso, nessa mesa sobre artes e revolução, vou falar de literatura e resistência no Brasil hoje.

Sartre dizia que a tarefa do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e se considerar inocente diantedele. Pergunto se essa não é a nossa tarefa, também, como pesquisadores e, fundamentalmente, como educadores. A cada vez que entro em uma sala de aula, quando me sento para ler uma tese ou para escrever sobre um livro, quando me vejo nessa posição, em um evento acadêmico sobre literatura, penso o quanto seria inócuo um trabalho, *uma vida*, que ignorasse a sua implicação e a sua responsabilidade com o mundo lá fora, para além dessas paredes que nos protegem e nos sufocam.

Em tempos de golpe de Estado e de avanço dos discursos fascistas no país, gostaria de propor uma breve reflexão sobre as formas de resistência que vêm sendo construídas no interior do campo literário brasileiro, me inserindo, desde já, ao lado daqueles que resistem.

Para isso, é preciso lembrar, antes de mais nada, que o golpe instaurado no país em 2016, e que continua se processando neste momento, tem como objetivo a destruição dos direitos trabalhistas, a entrega das riquezas do país ao capital internacional, a divisão do butim entre os banqueiros, os latifundiários, os especuladores, os donos da grande mídia. Mas que, para conseguir isso, eles precisam conter o movimento de democratização que, de algum modo, se fortalecia no país, especialmente a partir do acesso à educação pública e à cultura. Portanto, esse golpe se estabelece contra os direitos das mulheres, dos negros, dos trabalhadores, dos moradores das periferias, da população LGBT; contra sua inserção social e contra suas formas de expressão. Se estabelece, também, contra o ensino público, gratuito, laico e de qualidade. Não é à toa que temos uma universidade como a UERJ *abandonada* pelo poder público, sem o pagamento dos salários de seus funcionários e professores, *fechada* por tempo indeterminado.

Daí a importância de estarmos aqui dentro hoje, *ocupando* esse espaço, essas mesas e cadeiras, esses corredores. Esse encontro se configura, assim, como um manifesto de solidariedade aos que estão lutando contra a destruição da UERJ, entendendo que esta não é uma peça que cairá sozinha. Sabemos bem que a campanha para o fim do que chamam de “injusto ensino gratuito” tem um olho na desoneração do Estado, outro no bolso dos que mercadejam o ensino privado e um terceiro (é, eles são umas aberrações) na possibilidade de perseguição de uma parcela importante da militância contra o golpe, ou seja, nós, professores e estudantes.

Agradeço e parableno, então, toda a direção da ABRALIC, representada por João César de Castro Rocha, e toda a equipe de organização, incluindo aí os monitores, estudantes que se empenharam para que pudéssemos estar aqui e expressar nosso descontentamento e nos organizar em torno de uma luta que é urgente e implica a nossa sobrevivência enquanto professores e pesquisadores de literatura.

Afinal, o que podemos imaginar que vá sobrar para nossa área após esse inconcebível desmonte? O que faremos com o anunciado fim das bolsas do CNPq, com o já efetivo desaparecimento dos editais de financiamento para pesquisa, para eventos, para publicação

de periódicos, com o contínuo desprezo aos estudos literários na educação fundamental e no ensino médio? O que diremos aos nossos estudantes, aos nossos orientandos que se preparam para ser professores? O que restará daquilo que acreditamos?

E não me refiro apenas à nossa carreira (o que já é muito sério), mas ao nosso entendimento da função dos estudos literários em nossa sociedade. O que vai muito além da simples “preservação” de um cânone, ou de uma lista de nomes de obras fundadoras em um quadro negro.

O historiador francês Lucien Bianco dizia que “as armas dos fracos são sempre fracas armas”, mas é com elas que teremos que lutar. Nossas soluções serão provisórias e, certamente, angustiadas, mas talvez nos permitam ficar de pé enquanto as coisas não mudam. Podemos usar o discurso, nossa arma principal, para referendar o que querem os poderosos (como fazem alguns colegas e escritores), mas também podemos usá-lo para desmascará-los ou, mesmo, para tirar-lhes o sossego. É tempo de disputar consciências e tentar preservar espaços democráticos de enunciação de discursos, de representações do mundo.

Por menor que seja esse nosso restrito circuito acadêmico e literário, temos muitas frentes de resistência aqui. Elas podem ir desde a produção de autoras e autores negros, pobres e de periferia, que insistem em fazer arte em um mundo que nega valor à sua experiência, e *mesmo à sua vida*; até a recente retomada da ditadura como tema literário, por exemplo, com o resgate de memórias apagadas e a sinalização de riscos que não são passado, mas, infelizmente, possível futuro para nós.

A resistência passa, ainda, pelo esforço de pequenas editoras, de pequenas livrarias, de coletivos de escritoras e escritores que estão se organizando, nesse instante mesmo, para manter abertos espaços de publicação e divulgação da literatura. Todo um conjunto de pessoas que buscam, de algum modo, se erguer contra o amesquinamento do mundo e o desmonte de nossa cultura.

Outra dessas frentes passa pela nossa atuação como professores e críticos literários, pelo necessário apoio aos nossos estudantes e orientandos em suas escolhas e em suas dificuldades, pessoais, econômicas, políticas. E passa – não poderia deixar de ressaltar – pela resistência ao nosso próprio conceito de literatura, ao enquadramento que damos ao literário, ao que aprendemos ser o bom, o belo, o correto, o legítimo, à nossa tendência a excluir tudo aquilo que escapa desses contornos tão pré-estabelecidos.

Em todos os extensos levantamentos que venho coordenando a partir da Universidade de Brasília, seja sobre os autores e romances publicados pelas grandes editoras (já temos dados sobre cerca de 700 romances, cobrindo os últimos 40 anos); seja sobre nossa própria produção enquanto pesquisadores da literatura (temos dados sobre mais de 3 mil artigos publicados em revistas A1 – as melhor conceituadas na área – nos últimos 15 anos), é possível observar uma preocupante repetição do mesmo.

Entre os autores e personagens, um mesmo perfil muitas vezes reiterado: brancos, homens, classe média, heterossexuais, moradores de Rio de Janeiro e São Paulo (o mesmo perfil dos autores que são resenhados, premiados, traduzidos e adquiridos pelas bibliotecas).

Entre a produção acadêmica, entendendo-se que os artigos em periódicos sejam reveladores do que se está pesquisando e ensinando nas universidades, vemos os mesmos temas se repetirem, os mesmos escritores sendo estudados, os mesmos teóricos dando suporte à discussão. Nem é preciso dizer que, mais uma vez, esse perfil é branco, masculino, eurocêntrico etc. E, aqui, temos ainda o constrangimento de esclarecer que a maior parte da autoria dos artigos (quase 60%) é composta por mulheres – ao contrário da autoria dos romances, onde as mulheres não chegam a 30%.

Me refiro a esses dados só para lembrar que precisamos refletir sobre nosso modo de olhar o mundo, nos situar e agir nele. Precisamos refletir sobre o que estamos escolhendo legitimar como *literário*, sobre o que estamos excluindo quando fazemos isso e por quê. Precisamos, enfim, pensar sobre o que estamos pensando, como dizia Pierre Bourdieu.

Esse é um chamado a todos nós, professoras, professores e estudantes, mas também aos escritores, editores, tradutores, livreiros, bibliotecários, jornalistas, gestores públicos, curadores... A defesa da literatura brasileira tem de ser a defesa de uma literatura *para todos, feita por todos* que acreditem ter algo a expressar sobre o mundo.

Com o fim – primeiro *de jure*, agora *de facto* – do Ministério da Cultura, com o fim dos programas de compras de livros para as escolas pelo Ministério da Educação, com a sombra que ronda a universidade pública, com o desaparecimento do ensino de literatura nas escolas, com o avanço da patrulha do pensamento crítico que atende pelo nome risível de “Escola Sem Partido”, o que restará para ser lido e estudado daqui para frente? Meia dúzia de autores iluminados? Seremos os últimos guardiões de textos que já não dirão mais nada a ninguém? Talvez eu esteja sendo muito apocalíptica, não sou da turma dos “tranquilos”. Mas ainda quero crer que podemos manter alguns espaços conquistados.

Ressalto, então, a importância de alguns movimentos que podem ser fortalecidos por nós de diferentes maneiras, a começar pelo efetivo acompanhamento dessa produção:

Primeiro, os coletivos de autoria negra, que têm início no final dos anos 70, começo dos anos 80, com a publicação dos *Cadernos Negros*, por exemplo, e que se desdobram hoje em uma série de editoras especializadas, como a Mazza, a Nandyala, a Pallas, a Oguns Toques Negros, a recentíssima Malês, entre outras, incluindo ainda espaços em sites e blogs, que armazenam e divulgam essa produção, rica, extensa e variada.

Ao lado deles, há os coletivos de periferia, que, como lembra Michel Yakini, escritor, editor e ativista da periferia de São Paulo, ajudam a formar leitores, não só para a literatura produzida ali, mas também aquela publicada pelas grandes editoras: “tá lá neguinho participando dos saraus com o Leminski da Companhia das Letras embaixo do braço”, ria ele em uma palestra outro dia, pedindo reconhecimento de todo um trabalho cultural que vem sendo realizado nesses espaços.

Também as organizações de mulheres, que estão se juntando para ler, publicar e estudar outras mulheres, ajudam a ampliar o espaço da literatura. A preparação coletiva do Mulherio das Letras, sugerido pela escritora Maria Valéria Rezende, e já com mais de 5 mil mulheres em rede (que se reunirão em um grande encontro em João Pessoa agora em outubro) é um marco importante de resistência no campo literário.

Há ainda um jornalismo cultural que resiste bravamente, como o *Suplemento Pernambuco*, por exemplo, e curadores de festivais preocupados em democratizar inclusive espaços comerciais, como fez Josélia Aguiar neste ano.

Por fim, tem uma garotada de diferentes regiões do país se juntando e publicando coletâneas belíssimas em formato digital aqui e ali, disponibilizando seu trabalho gratuitamente pelas redes sociais; e editores empenhados e teimosos, que continuam publicando livros de autores brasileiros, em tiragens reduzidas ou mesmo com impressão livro a livro. Todos fazendo um esforço miserável para divulgar sua produção, muitas vezes ignorada por nós porque ainda valorizamos demais os livros publicados pelas grandes editoras, resenhados pelos grandes jornais e expostos nas prateleiras das grandes livrarias, quando, na verdade, o mais interessante e original está, a meu ver, acontecendo muito longe dali.

Só como exemplo, o belo *Impossível como nunca ter tido um rosto*, último livro de Ricardo Aleixo, poeta de Minas Gerais com inúmeras obras publicadas, foi editado por sua própria conta, é vendido diretamente por ele, pela internet, e foi lançado em uma ótica em Belo Horizonte. Já Conceição Evaristo, aos 70 anos de idade, ainda anda com sua malinha cheia de livros para vender ela própria em suas palestras pelo país e mundo afora – nunca são suficientes!

Não custa lembrar que essas obras, de escritores negros, periféricos, de mulheres e mesmo jovens fora do eixo, causam – em diferentes medidas e proporções – uma dissonância em um campo literário que se quer harmônico, estável e consolidado. A disputa por espaço que esses autores e autoras empreendem não é algo que determinados grupos, determinados críticos e determinados escritores (muito certos de sua própria superioridade) aceitam entender como *legítima*.

A negação da validade dessas expressões é, como já disse, um dos objetivos desse golpe. A elite brasileira não aguenta ver sua empregada doméstica disputando a vaga do vestibular com seus filhos, não suporta vê-la como professora, não aceita imaginá-la como uma pesquisadora, como uma escritora, como uma artista. Mas elas estão aí!

Cabe a nós a reflexão sobre os significados dessa disputa e o sentido – estético e político – dessas obras. Se eximir dessa discussão é, muitas vezes, já se situar – do lado daqueles que ocupam as posições centrais no campo literário e social. Ser indiferente não me parece ser uma opção hoje, se é que algum dia já foi.

E aqui retomo as palavras de Abel, protagonista do romance *Avalovara*, de Osman Lins (publicado em 1973), e que também é um escritor angustiado com o seu tempo, assim como Antonio Callado e tantos outros e outras: “A indiferença do escritor é adequada à sua presumível elevação de espírito? Para defender a unidade, o nível e a pureza de um projeto criador, mesmo que seja um projeto regulado pela ambição de ampliar a área do visível, tem-se o privilégio da indiferença? Preciso ainda saber se na verdade existe a indiferença: se não é – e só isto – um disfarce da cumplicidade. Busco as respostas dentro da noite e é como se estivesse nos intestinos de um cão. A sufocação e asujeira, por mais que procure defender-me, fazem parte de mim – de nós. Pode o espírito a tudo sobrepor-se? Posso manter-me limpo, não infeccionado, dentro das tripas do cão? Ouço: ‘A indiferença reflete um acordo, tácito e dúbio, com os excrementos’. Não, não serei indiferente”.

Participar do debate político em um momento de ruptura da democracia, contaminar a própria escrita, ou a crítica, em busca do desmascaramento de um processo autoritário é ainda *acreditar* – nos homens e mulheres e na própria literatura como instrumento de ação. Quando desistirmos de nossa capacidade de acreditar, a luta, enfim, estará perdida.

Gostaria de finalizar minha fala com uma imagem. É do século XIX, dos primórdios da fotografia, quando ela não era acessível a todos (e seus dispositivos não podiam ser carregados dentro do bolso traseiro da calça). Durante séculos, gerações viviam e morriam sem ter uma única imagem registrada. A fotografia permitiu isso, a materialização da memória, mas muitas vezes alguém querido falecia antes que se tivesse tempo de fotografá-lo. Daí o surgimento de toda uma engenharia para fotografar pessoas já mortas *como se estivessem vivas*: suportes metálicos para a sustentação dos corpos, maquiagem apropriada antes e pintura na pós-produção da fotografia, entre outras técnicas e estratégias próprias de cada fotógrafo para cada situação.



Com a popularização da fotografia tudo isso foi desaparecendo, é claro. Mas lembrem que as primeiras câmeras fotográficas – os daguerreótipos – exigiam um tempo de exposição muito longo, para que a imagem se fixasse na película de prata que recobria a placa de

cobre. Por isso as fotos antigas trazem figuras tão rígidas, ninguém podia se mexer ou a imagem ficaria desfocada.

Nesta foto, a filha está morta. Reparem como seu rosto é tranquilo e nítido. Enquanto isso, os rostos dos pais perdem clareza e foco. É que respirar gera movimento. Estar vivo impossibilita a fixidez.

Essa imagem, em sua tristeza contida, é uma metáfora sobre a necessidade do movimento para confirmar a vida, e da necessidade de nos deslocarmos para enxergar o que está vivo ao nosso redor, nos deslocarmos de nossos conceitos fechados, de nossas ideias prontas, que sufocam e paralisam. E não importa que percamos um pouco o chão que nos protege, que não consigamos ver com nitidez completa aquilo que queremos entender, descrever, analisar – é preciso apostar na fertilidade da vida, mesmo quando tudo à nossa volta parece negar suas possibilidades.

Esse é, para mim, o nosso mais significativo gesto de resistência, em direção aos outros e ao imponderável. E a literatura... pode ser um delicado convite para esse movimento.

Mídia: SOPA CULTURAL

Tipo: DIGITAL

Data: 07/08/2017

Link:

<https://www.sopacultural.com/o-corpo-da-mulher-como-campo-de-batalha-faz-uma-unic-a-apresentacao-na-uerj/>

“O Corpo da Mulher Como Campo de Batalha” faz uma única apresentação na UERJ

Por

Redação

-

7 de agosto de 2017



O Corpo - foto: Nil Caniné

Com Ester Jablonski e Fernanda Nobre com a presença do autor romeno, Matéi Visniec

Após o espetáculo, dirigido por Fernando Philbert, haverá um debate com as atrizes, autor, diretor e professoras da UERJ

Duas mulheres se cruzam depois da Guerra da Bósnia, uma terapeuta norte-americana e uma jovem bósnia violentada. Ambas revelam suas histórias numa tentativa desesperada de encontrar forças para continuar suas trajetórias. Após quatro bem-sucedidas temporadas – no Sesc Copacabana, Teatro Poeira, Sesc Tijuca e Glaucio Gill, e uma indicação ao Prêmio Shell de Melhor Atriz para Fernanda Nobre, *O corpo da mulher como campo de batalha*, de Matéi Visniec, fará uma única apresentação, dia 09 de agosto, às 19h30, no Teatro Odylo Costa Filho, com entrada franca. A apresentação faz parte do XV Congresso Internacional da Abralic – Associação Brasileira de Literatura Comparada. Após o espetáculo a professora adjunta do Setor Francês do Instituto de Letras, Luciana Persice, coordena um debate sobre a obra de Matéi Visniec com a participação do próprio autor romeno, das atrizes Ester Jablonski e Fernanda Nobre, do diretor Fernando Philbert e da professora de Literatura Brasileira, Giovanna Dealtry. O corpo da mulher como campo de batalha retrata duas mulheres arrasadas, feridas, que tentam reconstruir a percepção sobre si mesmas e sobre o mundo.

Através de Kate (Ester Jablonski), uma psicoterapeuta americana que trabalha como voluntária, e Dorra (Fernanda Nobre), uma refugiada bósnia vítima de estupro, Visniec deflagra um grito sobre a condição da mulher durante a guerra, quando o estupro era a tática mais utilizada para humilhar e derrotar o inimigo de ambos os lados. A dramaturgia de Matéi Visniec, aliada à direção de Fernando Philbert, tem a potência de traduzir o ser humano ao trazer para a cena a questão da violência contra a mulher sem derrotismo, mas sob o ponto de vista da luta e resistência em todas as guerras, até mesmo as do dia a dia.

O autor romeno, naturalizado francês após pedir asilo político em 1987, é considerado por muitos “o novo Ionesco”, por dar continuidade ao gênero do teatro do absurdo. Outro traço de seus trabalhos é o olhar crítico do autoritarismo e as contradições inerentes ao ser humano. “Descobri quando vim morar no Ocidente, que as pessoas podem ser manipuladas mesmo em uma sociedade livre e democrática e que isso pode ser feito em nome da liberdade e da democracia. Descobri que a luta pelo poder pode tornar-se um espetáculo grotesco, que a demagogia tem sutilezas que se pode facilmente confundir com reflexão filosófica; e que, o que é ainda mais grave, a demagogia casa-se muito bem com os poderes das mídias. Descobri que a liberdade pode ter um lado selvagem, que a informação pode matar a comunicação, que nada jamais é definitivamente adquirido e que o ser humano deve lutar sempre por seus direitos, para preservar sua liberdade ameaçada pelos efeitos da liberdade. Acho que o teatro pode e deve falar disso, falar dos múltiplos paradoxos da sociedade industrial, moderna e democrática. A sociedade civilizada, evoluída, não está protegida dos numerosos poderes obscuros que a rondam, que a desumanizam(...)”, define Matéi.

Nada mais atual. Embora escrito nos anos 90, a atualidade é uma das marcas mais contundentes do espetáculo.

Retratos da guerra:

“Este espetáculo fala objetivamente de uma jovem que foi uma entre as milhares de mulheres estupradas na guerra da Bósnia e que ficou grávida. Nasceram após a guerra mais de trezentos bebês, resultado de mais de duas mil mulheres grávidas devido aos estupros.

O espetáculo busca ampliar o universo desta personagem, sua dor, seu isolamento em uma clínica, o ódio de si mesma, a revolta com o mundo, a impotência, mas entende que a vida é mais forte e ela, a vida, vai voltando para a personagem, vai expulsando a dor e a revolta.

No contraponto a psicóloga que veio para Bósnia para trabalhar com as equipes que abrem as valas comuns aonde os corpos das vítimas de execuções em massa foram jogados. Ela também sofreu a violência da crueza dos fatos, da imagem descomunal de muitos corpos enterrados, e, não suportando mais, pede para ir trabalhar nesta clínica entre a Suíça e Alemanha que recebe algumas mulheres refugiadas da guerra. É lá que ela descobre que para ter um equilíbrio precisa interagir e buscar tirar do isolamento voluntário Dorra, a jovem refugiada.

Apesar de contar uma história dura e verdadeira, o espetáculo encontra caminho na força que a vida tem, na força que a vida exerce sobre cada um mesmo vivendo a pior das tragédias, pois lá fora tem gente e o dia segue, e, mesmo não acreditando que se possa contar tudo, que o tempo cure tudo, como diz a jovem violentada, o espetáculo se lança na força destas mulheres que sobreviveram e estão diante da vida”. _ Fernando Philbert _ diretor

Mídia: GLOBO NEWS LITERATURA

Tipo: TELEVISÃO

Data: 05/08/2017

Link: <https://www.facebook.com/904023182984034/videos/1424587817594232/>

